

## **HISTÓRIA E FRONTEIRA NAS FRONTEIRAS DA LITERATURA: JOÃO SIMÕES LOPES NETO E “LENDAS DO SUL”**

**CESAR AUGUSTO BARCELLOS GUAZZELLI\***

Ao que parece, os comportamentos dos "homens das fronteiras" costumam ser também "fronteirços" em todos os sentidos. A pouca adesão à legalidade institucional, as formas não convencionais no trato dos estrangeiros, e as relações sociais estabelecidas nestes espaços, fazem recair sobre os homens da fronteira muitas dúvidas quanto às suas lealdades. Assim, a fronteira sulina aparentemente tinha – e ainda tem! – uma “vida própria”, e os Estados têm escasso controle sobre elas! Mais que limites, as fronteiras são zonas de passagem ambíguas, e não divisas dadas *a priori*, não devendo ser "naturalizadas".

Minha proposta de trabalho visa examinar três fronteiras diferentes, mas que podem confluir numa única direção: 1) uma espacial, aparentemente aquela que é identificável e material, mas que necessita da mediação de uma construção histórica; 2) uma textual, que diz respeito tanto aos desenvolvimentos teóricos que dão conta do tema, quanto da produção ficcional que tem como objeto estes territórios e suas gentes; 3) finalmente, aquela dimensão entre o verossímil e o fantástico, que muitas vezes é capaz de revelar aspectos que dificilmente se dão a conhecer empiricamente.

### **A fronteira nos horizontes da província**

No Rio Grande do Sul – a estremadura meridional do Brasil – a fronteira mede 3.307 quilômetros: 1.003 com a Argentina e 724 com o Uruguai, pouco mais de 52% de seus limites. Assim, o estado tem sua história muito ligada às fronteiras platinas, e fez

---

\* Professor Associado 4 do Departamento de História, do Programa de Pós-Graduação em História e do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutor em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

delas uma marca identitária muito forte. Então, é necessário recuperar um pouco deste passado antes de abordarmos as ambiguidades fronteiriças.

Se a fronteira é um espaço, é necessário pensar na formação deste espaço; se é o fronteiro quem o constrói e o controla mais necessário ainda é tratar das relações entre os homens e a natureza, mais ainda aquelas dos homens entre si no processo de apropriação e exploração das paisagens. Neste sentido, a avaliação crítica da produção historiográfica sobre as fronteiras meridionais do Brasil traz para os pesquisadores duas grandes “matrizes” interpretativas que devem ser discutidas e superadas.

A primeira delas é aquela que equipara fronteira com limite político. Aceita como historiografia oficial, atribui aos rio-grandenses uma incontestável adesão ao Brasil, sendo o patriotismo comprovado pelos “serviços” prestados pelos homens do passado na garantia das fronteiras contra os “castelhanos”. Esta historiografia estabelece claramente os limites nacionais e as diferenças os dois lados: o gaúcho rio-grandense seria diferente do platino, associado à bandidagem e ao caudilhismo. Tais autores pertenciam à chamada “matriz lusa” da historiografia (GUTFREIND, 1992) que fez da província meridional a “sentinela do Brasil”.<sup>1</sup>

Por outro lado, cresceu a partir dos anos 1970 a noção da fronteira como espaço “aberto”, resultante de processos históricos de ocupação/formação da propriedade privada e que não podia ser enquadrada nos limites políticos. A semelhança na apropriação dos bens de produção de um e outro lado das fronteiras configurava relações sociais horizontais e verticais mais parecidas entre estas áreas do que em relação aos grupos políticos fiadores das respectivas organizações nacionais (PADRÓS, 1994). Assim a “fronteira” seria resultante de processos socioeconômicos que na ocupação de espaços em disputa e não se restringiam aos “limites” determinados pelas ações jurídicas e/ou políticas de tratados diplomáticos e mapas oficiais.

---

<sup>1</sup> Os mais importantes foram Aurélio Porto, Emílio de Souza Docca, Walter Spalding, Othelo Rosa, Moysés Vellinho, entre tantos. Eram ligados ao Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul

A partir de meados da década de 1990, alguns historiadores realizaram suas pesquisas pensando na estremadura inserida no espaço platino, sem deixar de ser parte da América portuguesa primeiro, e do Império do Brasil mais tarde. Os fronteiriços eram atores sociais que respondiam às tensões geradas pelas relações locais, assim como dos Estados envolvidos.<sup>2</sup> O corolário destas reflexões foi a concepção de uma fronteira que é “manejável” pelos agentes sociais deste espaço que podem circular em ambos os lados da “linha”, na medida em que são conhecidos os códigos vigentes em cada um deles. Os homens da fronteira têm outras possibilidades de sobrevivência e novas modalidades de poder. Importa saber que a fronteira não é “aberta” e tampouco tem sua existência negada; justamente o reconhecimento de sua existência é que possibilita o seu “manejo”, ou seja, usar estratégias adequadas para um e outro lado da “linha” (THOMPSON FLORES, 2012).

Estas considerações permitem que os temas fronteiriços sejam privilegiados nos recortes cronológicos e temáticos mais variados. Assim, a historiografia produzida pelos pesquisadores rio-grandenses se “apropriou” da fronteira como uma forma de criar um espaço próprio, também ele “fronteiriço”, porque não pode ser submetido aos limites de uma história “nacional” ou mesmo “provincial” (GUAZZELLI, 2009).

### **Literatura e História**

A Literatura, diferentemente da História, não está preocupada em dar conta cientificamente do passado. No entanto, Vargas Llosa afirma: *“La recomposición del pasado que opera la literatura es casi siempre falaz juzgada en términos de objetividad histórica. La verdad literaria es una y otra la verdad histórica”* (VARGAS LLOSA, 2002). A Literatura não está preocupada com uma “verdade histórica”, e os relatos literários devem ser apenas “verossímeis”; acrescenta o autor: *“Pero – aunque esté repleta de mentiras – o, más bien, por ello mismo – la literatura cuenta la historia que la historia que escriben los historiadores no sabe o no puede contar”* (Id.)

---

<sup>2</sup> Aponto aqui os historiadores Cesar Guazzelli, Eduardo Neumann, Fábio Kühn, Helen Osório, Tiago Gil, Luiz Augusto Farinatti, entre outros.

Usar a literatura como fonte requer que determinadas considerações sejam feitas. Parte-se do princípio de que qualquer reflexão a respeito da literatura enquanto testemunho histórico deve assumir um pressuposto materialista de análise, ou seja, de que a literatura não é transcendente historicamente (EAGLETON, 2012). A análise de textos literários por uma perspectiva histórica deve considerar os suportes em que são veiculados, e as circunstâncias em que tais textos não somente são produzidos, mas também são apreendidos pelos diversos grupos (CHARTIER, 2002:256-257). O autor sugere uma leitura histórica da obra literária embasada nos fatos que a constituíram obra: lugar, tempo, sociedade, técnicas e formas de difusão e apropriação.

As obras escritas, de certa forma, foram “construídas” como Literatura: um texto “*pode começar sua existência como história ou filosofia, e depois passar a ser classificado como literatura; ou começar como literatura e passar a ser valorizado pelo seu aspecto arqueológico*” (EAGLETON, 2006:13). Neste sentido, vale lembrar que o Romantismo trouxe, no século XIX, um gênero literário, o romance histórico. Através dele se difundiram as ideologias nacionalistas<sup>3</sup>, com impactos variados na Europa e nas Américas. Nestes tantos nacionalismos britaram também “fronteiras” de vários tipos.

Já em seu criador, Walter Scott, as “fronteiras” são evidentes no famoso *Ivanhoe* (SCOTT, 1947): além de a trama girar em torno de uma “fronteira interna” entre nobres normandos e saxões, os personagens mais atuantes são “fronteiriços”: o bandoleiro Locksley, o templário Bois-Gilbert, o judeu Isaac e sua filha Rebeca. Também Alexandre Dumas – ele próprio um “fronteiriço”, neto de um marquês francês e de uma escrava negra – apresenta personagens análogos em seu *Os três mosqueteiros* (DUMAS, 2010), como o gascão D’Artagnan, a misteriosa Milady, a ambiguidade de Richelieu, por exemplo. Similar é a obra de Alexandre Herculano: em sua “criação” de Portugal nas *Lendas e Narrativas* (HERCULANO, 1952) sucedem-se “fronteiras” entre visigodos e sarracenos, muçulmanos e cristãos, castelhanos e portugueses. Inspirado

---

<sup>3</sup> Sobre nacionalismo aponto autores já canônicos, tais como Ernest Renan, Benedict Anderson, Ernest Gellner e Eric Hobsbawm; entre os mais recentes indico Alain Dieckoff, Anne-Marie Thiesse e Thomas Hylland Eriksen.

em Scott, o norte-americano James Fenimore Cooper popularizou a “fronteira civilizatória” do país com o lançamento em 1823 de *The Pioneers* (COOPER, 1964).<sup>4</sup>

Na América, onde o processo de construção nacional é mais recente, a construção de um passado que inventasse uma identidade contraposta às origens coloniais dos países europeus contra quem se lutava, exigiu esforços mais intensos. Neste sentido, encontramos uma diferença fundamental nesta criação de identidades: o caso norte-americano, que faz a apologia do pioneiro em relação aos ingleses (TURNER, 1996); sul-americana, especialmente dos países do Rio da Prata que barbariza os seus habitantes (SARMIENTO, 1996). Em ambos o homem americano é fruto de uma fronteira e de uma miscigenação cultural. As relações de fronteira sempre estiveram presentes no processo de ocidentalização do continente americano, pois o mesmo implicou o estabelecimento de relações entre culturas distintas desde a chegada dos primeiros europeus. As características ambíguas dos fronteiros se explicavam por conta da sua necessidade de sobreviver no meio.

### Literatura Gauchesca

O vocábulo “gaúcho” – *gaucho* em castelhano – é uma das tantas de origem ainda obscura. Aparecida em fins do século XVIII designava os *hombres sueltos* das campanhas platinas, tendo caráter pejorativo e uma rica sinonímia: *vagamundo*, *gaudério*, *vago*, *malentretenido*, *cuatrero*, entre tantas; todas elas se referiam a indivíduos que viviam dos mais variados expedientes, quase todos associados a algum tipo de delito pelas autoridades. Assim, a literatura original buscou no gaúcho do passado as bases sociais do presente, e precisou recorrer a alguns artifícios. Nela existem três temas recorrentes: o passado idealizado, onde os gaúchos viviam em paz nos pagos; o passado guerreiro, portador dos ideais americanos de liberdade e

---

<sup>4</sup> Este livro seria seguido por *The last of the mohicans* (único traduzido em português como *O último dos moicanos*), *The Prairie*, *The Pathfinder* e *The Deerslayer*; ao conjunto destas obras ele chamou mais tarde de *The Leatherstocking Tales*.

igualdade; a sabedoria pampiana, aprendida com a experiência, mais confiável que a ciência dos “civilizados” e um apanágio dos campeiros.

A primeira expressão da literatura gauchesca foi o oriental Bartolomé Hidalgo, engajado nas hostes de Artigas que apossaram os realistas espanhóis em Montevideo, ele recontava seus feitos nos *cielitos*<sup>5</sup> (HIDALGO, 1967). Outra modalidade poética que usou foi o *diálogo patriótico*, explicando na linguagem campeira a política do Rio da Prata (Id.). Depois dele muitos *cielitos* e *diálogos patrióticos* anônimos foram produzidos durante as guerras civis na Confederação Argentina do século XIX sobre vários chefes *federales*, compondo o chamado “*Cancionero Federal*” (VIGNOLO, 1976).<sup>6</sup> Mas houve também uma literatura gauchesca em defesa dos governos *unitários*, dentre eles Hilario Ascasubi com *Santos Vega*, de 1851 (ASCASUBI, 1998). Mas o nome principal de toda a literatura foi José Hernández e seu *Martín Fierro* (HERNÁNDEZ, 2009). O resgate do *gaucho malo* de sua condição de “barbárie” e a transição para os “novos tempos” é essencial em Hernández para toda a dramaticidade da saga de Martín Fierro. Os desencantos de Fierro com o a destruição do seu modo de vida e do seu lar, estão na origem da violência e dos crimes contra a civilização.

Os gaúchos como protagonistas da nação americana estão também presentes na gauchesca uruguaia. É canônico o poema de Antonio Lusich, *Los tres gaúchos orientales*, no qual três gaúchos que lutaram junto aos *blancos* conversam sobre a guerra civil que recém terminara (LUSICH, 1937). Também Javier de Viana se inspirou na participação dos *gauchos* nas guerras civis, em geral veteranos da gesta de Artigas, que se dispõem a mais uma lida pela pátria que ajudaram a construir (VIANA, 2006).

### Literatura Gauchesca no Rio Grande do Sul: João Simões Lopes Neto

---

<sup>5</sup> São estrofes de quatro versos octossílabos, com rima do segundo com o quarto.

<sup>6</sup> Estes poemas foram recolhidos por diversos autores, como Eduardo Jorge Bosco, Francisco Acuña de Figueroa, Martiniano Leguizamón, Ricardo Rodríguez Molas.

Na literatura gauchesca do Rio Grande do Sul, a ideia de pátria exhibe as contradições ainda presentes: os rio-grandenses que deram seu sangue para afirmar a “marca portuguesa” no espaço platino castelhano, foram os mesmos que se rebelaram e repeliram a autoridade do Império, e os chefes farroupilhas receberam por parte dos literatos o papel de liderança incontestável dos homens da campanha.

Tratarei neste texto um dos tantos escritores rio-grandenses ligados à gauchesca, João Simões Lopes Neto, especificamente de algumas de seus textos que compuseram *Lendas do Sul*. Este livro, editado pelo autor em 1913, tem sido publicado em conjunto com *Contos Gauchescos*, que o antecedeu em um ano (LOPES NETO, 2006).

É nos contos que encontramos a verossimilhança entre o “gaúcho literário” com o “gaúcho histórico” do passado. No início de *Contos Gauchescos*,<sup>7</sup> o autor anuncia o personagem-narrador: “*Blau, o vaqueano*”, velho gaúcho que tinha sido um “*furriel farroupilha*” e se mantinha “*desempenado arcabouço de oitenta e oito anos, todos os dentes, vista aguda e ouvido fino*”, compondo o “*genuíno tipo – crioulo – rio-grandense (hoje tão modificado)*” (Id: 42).

O escritor procura mostrar aspectos históricos da província em três momentos do “ciclo de vida” do personagem-narrador encontramos o Rio Grande em tempos de guerra, também em distintas conjunturas do processo de formação dos Estados nacionais. (Outros contos mostram o papel dos gaúchos na construção de um espaço, apesar das intromissões indevidas do Império. Desta forma, contrariamente à produção gauchesca de argentinos e uruguaios, a rio-grandense mostra ambiguidades quando faz dos gaúchos os protagonistas da pátria, na medida em que frequentemente estavam os rio-grandenses em disputa direta com as autoridades centrais)

*O Anjo da Vitória* (Id: 127-132) era a alcunha do Marechal José de Abreu Mena Barreto, comandante da cavalaria rio-grandense desde 1801 a 1827. A ação ocorre

---

<sup>7</sup> Destaco três edições importantes da obra de João Simões Lopes Neto que incluem as *Lendas do Sul*: LOPES NETO, João Simões. *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*. Edição Crítica de Aurélio Buarque de Holanda. Porto Alegre: Editora Globo, 1960. *Obra Completa* (Org. Paulo Bentancur). Porto Alegre, Sulina, 2003. *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*. Edição Crítica de Aldyr Garcia Schlee. Porto Alegre: IEL/UNISINOS, 2006. Neste texto usarei como referência esta última.

durante a Guerra da Cisplatina, na Batalha do Passo do Rosário, em 20 de fevereiro de 1827. Blau Nunes tinha ao redor de dez anos; o desastre militar que deixou o Rio Grande no abandono pelo Império, também o deixou órfão. *O Duelo dos Farrapos* (Id: 147-153) se passa no início de 1844, tendo como clímax o duelo de morte entre Bento Gonçalves, Presidente da República Rio-Grandense, e Onofre Pires. Ordenança de Bento. Blau testemunhou a luta, em 27 de fevereiro de 1844. Ferido neste duelo, Onofre morreu poucos dias depois; de certa maneira, isto representa a morte da República, quase um ano depois. *Chasque do Imperador* (Id: 93-99) se dá no início da Guerra do Paraguai, quando Dom Pedro II juntou-se às tropas de Caxias no cerco de Uruguaiana. Blau, já cabo, é indicado para o serviço do Imperador, presenciando situações contrastantes entre os homens da Corte e as rudes forças da província. Apesar disto, era já o Rio Grande amadurecido, “sentinela avançada” do Império, assim como o Blau que agora servia ao mesmo Imperador (GUAZZELLI, 2012).

### “Lendas do Sul”: a História do Rio Grande na Literatura Fantástica

Além dos contos, escritos numa linguagem realista, outras obras de Simões Lopes menos convencionais também podem ser bastante profícuas quando abordadas pelos convenientemente. Tratarei aqui de três das *Lendas do Sul* de João Simões Lopes Neto: *O Lunar de Sepé*, *O Negrinho do Pastoreio* e *A Salamanca do Jarau*. Nelas se destacam os marginalizados na formação da nação: indígenas, negros, mulheres e até os gaúchos! Estas “fronteiras” além de espaciais são também textuais e comportamentais.<sup>8</sup>

*O Lunar de Sepé* (Id: 255-261) é a lenda do cacique Sepé Tiaraju, chefe nas Guerras Guaraníticas de 1754-56.<sup>9</sup> Estes conflitos se deram em função do Tratado de

---

<sup>8</sup> O Rio Grande do Sul possui três santos populares: São Sepé, um indígena; o Negrinho do Pastoreio, um escravo; Maria Degolada, uma prostituta. Oficializado pela Igreja Católica Romana existe apenas um Beato, o jesuíta Johan Baptist Reus.

<sup>9</sup> O autor afirma que recolheu os versos de “*uma velhíssima mestiça*”. Entretanto, parece ser uma versão da Guerra Guaranítica diversa daquela apresentada por Basílio da Gama em *O Uruguai*, de 1769.

Madri de 1750, que obrigava a retirada dos guaranis das Missões Orientais – no atual Rio Grande do Sul – para as terras de Espanha na margem ocidental do rio Uruguai. A história do cacique motivou controvérsias, a começar pelo nome: *Tiarayu*, “a luz do dia”, se devia a um “lunar” – sinal ou marca de nascença em espanhol – em forma de cruz, e que brilhava à noite. A luz e a cruz do dia iluminando a noite! Aqui se percebe uma “fronteira” tanto espacial quanto identitária. Missioneiro, era guarani e também espanhol: “*E aprendeu as letras feitas / Pelos padres, na escritura*” (Id: 257). O seu “lunar” era também marca da cristandade, da civilização missioneira à qual pertencia. Tendo sido aliados fiéis dos espanhóis, os indígenas das reduções jesuíticas reagiram ao Tratado de Madrid de 1750 que permutava a Colônia do Sacramento de Portugal pelas Missões Orientais do Uruguai que pertenciam a Espanha.

O acordo entre as potências ibéricas mudara a ideia de “fronteira” no espaço missioneiro: aquela que existira entre Portugal e Espanha dera lugar a outra, étnico-cultural, entre os guaranis rebelados e as tropas combinadas entre as duas metrópoles para impor o Tratado pela força: “*E, de Castela tampouco / Esperava tal furor; / Pois sendo seu soberano / Respeitara seu senhor:*” (Id: 260). A “paz” do Tratado ignorava os guaranis, preteridos pelos velhos inimigos lusitanos.

Tiaraju era cacique por tradição, chefe guerreiro, e corregedor de São Miguel quando iniciou a rebelião junto aos caciques Ñenguiru e Paracatu. Nestas disputas fronteiriças dos reinos ibéricos na América, também os guaranis fizeram-se ouvir e batalharam pelas suas vidas, e enfrentaram o poderoso exército de Espanha e Portugal: “*Eram armas de Castela / Que vinham do mar de além; / De Portugal também vinham, / Dizendo, por nosso bem: / Mas quem faz gemer a terra... / Em nome da paz não vem!*” A paz concertada na Europa trouxe a guerra desigual contra os ameríndios. Em Caiboaté foram liquidados os guerreiros de Sepé. Os sobreviventes tornaram-se peões; as *chinas*, violadas pelos vencedores, originariam os mestiços que depois se chamariam gaúchos.

A última “fronteira” seria entre o real e o fantástico. O corpo de Sepé ficou no campo de batalha, mas seu “lunar” – mais palpável que uma alma! – subiu aos céus, transformando-o de mártir em santo: “*E o – lunar – da sua testa / Tomou no céu*

posição... ” (Id: 261).<sup>10</sup> No firmamento, o “lunar” tornou-se o Cruzeiro do Sul, a lembrar que neste rincão da América a defesa da Cruz foi feita pelos guaranis missioneiros, contra a cupidez conjunta dos reinos ibéricos.

O início de *O Negrinho do Pastoreio* (Id: 235-242) mostra que a história passa no século XIX, com a escravidão já presente, mas as propriedades pouco definidas: “*Naquele tempo os campos ainda eram abertos, não havia entre eles nem divisas nem cercas*” (Id: 235). Se a posse dos campos era indefinida, os bens “semoventes” eram muito valiosos, o que incluía os escravos. A história é muito simples: um escravo ainda menino foi submetido a castigos e torturas até a morte pelo seu senhor, por não ter podido cumprir demandas que estavam muito além das duas forças.

O próprio nome da lenda indica que o Negrinho era campeiro; muito antes dos historiadores a ficção apresentava escravos trabalhando nas estâncias de criação; a presença de escravos muito jovens indica a necessidade de ensiná-los a montar, impossível de se fazer com adultos. O fazendeiro, um homem mau, só tinha atenções para o próprio filho, para um cavalo “baio cabos-negros”, e para um escravo ainda pequeno, a quem “*não deram padrinhos nem nome; por isso o Negrinho se dizia afilhado da Virgem, Nossa Senhora, que é a madrinha dos que não a tem.*” (Id: 236).

Na lenda se revela uma contradição: ao mesmo tempo em que era um dos bens mais apreciados pelo estancieiro, o Negrinho não tinha nome, uma marca muito forte da condição escrava: fora-lhe negada a humanidade. Por outro lado, o cativo sem nome cuidava da principal propriedade do estancieiro: “*Todas as madrugadas, o Negrinho galopeava o parreheiro baio*” (Id: 236). E foi ele o ginete da carreira em que seu dono apostara mil onças de ouro. A perda da carreira lhe custou o castigo ditado pelo patrão: “*– Trinta quadras tinha a cancha da carreira que tu perdeste: trinta dias tu ficarás aqui pastoreando a minha tropilha de trinta tordilhos negros...*” (Id: 238)

Mesmo martirizado, o escravo foi ainda encarregado dos principais bens do patrão: ao baio corredor, somava-se uma tropilha de um só pelo!<sup>11</sup> O texto sugere uma

---

<sup>10</sup> Existe desde 1876 o município rio-grandense de São Sepé, reconhecimento oficioso do herói lendário!

vez mais a importância dos escravos campeiros. Em relação ao Negrinho, mais que isto havia os ciúmes do filho, que soltava os animais para que o pai mandasse surrá-lo: “*O menino maleva foi lá e veio dizer ao pai que os cavalos não estavam*” (Id: 239).

Foram necessários dois milagres de Nossa Senhora para a redenção do menino escravo. O primeiro, no encontro do pastoreio perdido: “*a vela benta ia pingando cera no chão: e de cada pingo nascia uma nova luz, e já eram tantas que clareavam tudo.*” (Id: 239). O segundo foi dar a santidade ao escravo: surrado, morto e jogado num formigueiro depois de novamente perder os animais, o Negrinho ressuscitou justamente no terceiro dia: “*O Negrinho, de pé, e ali ao lado, o cavalo baio e ali junto, a tropilha dos trinta tordilhos...*” Mais, além disto, “*o estancieiro viu a madrinha dos que não a têm, viu a Virgem Nossa Senhora*” (Id: 240-241). Depois, o Negrinho foi visto muitas vezes em disparada no baio, tocando por diante a tropilha... Também passou a fazer milagres, especialmente encontrando coisas perdidas.

A lenda não narra a presença de outros cativos ou mesmo peões livres, de modo que limita-se a tratar da crueldade do estancieiro e seu filho com o pequeno escravo. No entanto, o Negrinho ter-se tornado um “santo popular” indica que a presença do negro nos campos do Rio Grande era bem importante!

A *Salamanca do Jarau* (Id: 195-227) é o texto mais bem acabado de Simões Lopes Neto, podendo ser considerado uma obra prima da literatura nacional. A história tem um formato bastante contraditório: um homem pobre, mas valente, enfrenta os perigos e feitiços de uma fada / bruxa encantada, que o premiaria se fosse vencedor. Na narrativa em questão, o grande protagonista é “*um gaúcho pobre, Blau, de nome, guasca de bom porte, mas que só tinha de seu um cavalo gordo, o facão afiado e as estradas reais*”. (id: 195).

O lugar onde Blau inicia sua saga é uma área de fronteira: o Cerro do Jarau, próximo à divisa com o Uruguai. Também na paisagem o Cerro quebra a monotonia da

---

<sup>11</sup> Numa época em que cavalos mansos não eram comuns, possuir uma tropilha nestas condições tratava-se de um luxo que poucos teriam.

grande pradaria que forma o pampa sulino. Fronteira de espaço e paisagem, o Jarau foi cercado de mistérios, especialmente pela quantidade de covas e esconderijos que a formação rochosa apresenta.<sup>12</sup>

Campeando o boi, Blau chega na “salamanca”, a furna encantada do Cerro do Jarau, na fronteira com o Uruguai. Ali encontrou “*um vulto, de face tristonha e mui branca*”, o “santão” que guardava a salamanca. Blau saúda-o: “*Laus ‘Sus-Cris!’*” – corruptela de “Louvado Jesus Cristo” – usança entre os cristãos. Indagado pelo “santão”, Blau conta o que sabe sobre a “salamanca” encantada.

Falavam dos mouros que vieram ocultos de Salamanca, na Espanha, com um condão mágico cuidado por “*uma princesa moça, encantada*”. A lenda mostra outros marginalizados: os heréticos, muçulmanos falsamente conversos e sua feiticeira: “*E devia ter mesmo muita força o condão, porque nem os navios se afundaram, nem os frades de bordo desconfiaram, nem os próprios santos que vinham, não sentiram...*” (Id: 199). Era Na América encontraram outro maldito, Anhangá-pitã, “diabo-vermelho” guarani, que os acolheu escondendo o condão numa pedra preciosa que serviria de cabeça para a fada, convertida em “teiniaguá”, a lagartixa encantada.

Aqui se percebem novas “fronteiras” culturais / religiosas: os mouros renegados se aliaram a Anhangá, entidade guarani ligada à natureza e que os jesuítas identificaram com o demônio; do outro lado estavam os cristãos, incluindo os guaranis missioneiros, identificados com Tupã, antigo deus dos trovões, e que foi associado a Deus pelos padres inacianos. Anhangá-pitã, “diabo-vermelho”, transformou o poderoso condão, “*que navegara em navio bento e entre frades rezadores e santos milagrosos*” (Id: 199) numa pedra também vermelha, talvez um rubi, de muito valor, mas da cor do sangue e dos infernos; convertendo a princesa moura numa lagartixa, ele engastou a pedra no lugar da cabeça, criando a “teiniaguá” portadora de todos os feitiços.

---

<sup>12</sup> O Cerro do Jarau fica no atual município de Quaraí, e teria sido formado pela queda de um meteorito. Daí sua peculiaridade em relação à campanha da estremadura rio-grandense.

A escolha da “teiniaguá”, uma lagartixa, também se carrega de significados. Os répteis se prestam a representações demoníacas. Além da serpente bíblica que os padres inculcaram nos missionários, os próprios guaranis tinham seus pesadelos com cobras nativas: a venenosa *mboicinga*, a cobra de chocalho, cascavel; a *mboiguaçu*, a cobra grande, sucuri; e a mais temida de todas, *mboitatá*, a cobra de fogo, que aterrorizava os campos atacando os passantes nas noites pampianas.<sup>13</sup> Neste sentido, a “teiniaguá” poderia se considerar uma forma demoníaca mais atenuada que as serpentes; no entanto, se não era uma ameaça letal quanto aquelas, tinha o mesmo caráter “insinuante” ou “sedutor”, mais próximo da cobra edênica que enfeitiçara Adão e Eva.

Ao final do seu relato, Blau retoma outra “fronteira” marcante para seu tempo / espaço: os papéis sociais e culturais de homens e mulheres! No mundo masculino que governa, as aramas femininas são as transgressões. O poder político pertencera aos muçulmanos de Salamanca, mas o feitiço estava com a princesa moura. E Anhangá – entidade masculina – ensinou todos os segredos que conhecia à feiticeira que chegara: “*Só não tomou tenência que a teiniaguá era mulher...*” (Id: 200) Ou seja, uma ameaça para a sociedade dos homens, mesmo para um poderoso demônio das terras americanas!

A frase serviu de mote para a história do “santão”, começada na Missão de Santo Tomé, em cuja igreja ele fora sacristão. Capturando – ou sendo capturado! – pela “teiniaguá” quando todo o povo dormia, escondeu-a numa guampa e alimentou-a com mel. A guampa dura, símbolo fálico; o mel doce, representação feminina! Aqui já estava a nova “fronteira” da santidade abalada da Igreja servida pelo sacristão e o pecado que trazia a “teiniaguá”, feiticeira, princesa e mulher, infiltrada no claustro. A tentação: “*Sou jovem... sou formosa..., e meu corpo é rijo e não tocado!... E estava escrito que tu serias o meu par!*” (Id: 206).

Para tudo que oferecia era preciso abandonar a Cristo: “*Se a cruz do teu rosário não me esconjurar... Sobre a cabeça da moura amarelejava neste instante o crescente dos infiéis...*” (Id: 206). E ele pecou mortalmente: “*Uma noite ela quis misturar o mel*

---

<sup>13</sup> Entre as *Lendas do Sul* o autor escreveu também *A Mboitatá* (Id: 187-192).

do seu sustento com o vinho do santo sacrifício, e eu fui e busquei no altar o copo de ouro consagrado”, que em seguida “de boca para boca, por lábios incendiados o passamos...” (Id: 207) Descoberto, ele foi condenado ao garrote vil! Mas salvo na última hora pela “teiniaguá” encontrava-se desde então com ela na “salamanca” do Jarau, com todas as riquezas que ela recolhera, e “que ficou sendo o paiol de todas as riquezas de de todas as salamanças dos outros lugares” (Id: 211) O amor da moura salvara o “santão”, para o qual o tempo não atingia! O encantamento só findaria quando ele fosse saudado como cristão por três vezes!

Outra “fronteira”, entre o mundo ordenado dos homens e o encantado da fuma. Entrar na “salamanca” dividia o mundo real e lícito do fantástico e ilícito! “Alma forte e coração sereno!... Quem isto tem, entra na Salamanca, toca o condão mágico e escolhe do quanto quer...” (Id: 213). Liberdade plena ao alcance da transgressão, fortuna dada pelo interdito, pelos feitiços castelhanos, os traidores da Igreja, os demônios ancestrais. Os sortilégios femininos derrubam todas as muralhas!

Blau vence as provas, mas nega as ofertas da feiticeira! Recebe “santão” presenteia Blau com um consolo, a moeda de ouro que jamais se esgota. O gaúcho despilchado compra arreios, cavalos, gados, terras... Mas o encantamento se torna maldição, ele fica sozinho, isolado pela desconfiança de todos. Assim, devolve o presente, e no encontro com o “santão” repete a saudação do início: “Lau Sus Cris!... Ao que acrescenta, jogando de volta a onça de ouro: “Devolvo! Prefiro a minha pobreza dantes à riqueza desta onça que nunca se acaba, é verdade, mas que parece amaldiçoada”. Ao sair, saúda uma vez mais: “Adeus! Fica-te com Deus, sacristão!” (Id: 225). Três vezes citado o nome de Cristo, quebra-se o encanto do cerro, todas as bruxarias somem numa voragem de fogo; o “santão” e a feiticeira moura, agora transformados num casal de mortais, poderão viver as vidas comuns dos humanos.

Volta também a pobreza de Blau, pois sua riqueza era indevida; ricos, só os senhores das terras. A sina do gaúcho pobre só pode ser vencida por magias diabólicas, ou ele será sempre um “guasca” que só tenha de seu “um cavalo gordo, o facão afiado e as estradas reais”! Mais tarde, para os gaúchos não restaria nem isto!

A Literatura não traz “verdades” explícitas; as lendas trazem seus significados nas entrelinhas. Nelas aparecem guaranis traídos e negros torturados, hereges perigosos e mulheres tentadoras. Descendentes deles – e somados a seu mundo – os gaúchos pobres, mas altaneiros, e todos poderiam ameaçar o mundo real, cristão, lusitano, resultado do esforço dos estancieiros ricos! O que se revela por detrás todas essas “fronteiras” – sejam elas espaciais, religiosas, étnicas, culturais, comportamentais – é talvez aquela mais crua e difícil de cruzar: a de classes sociais, que separa uns e outros irremediavelmente.

Paz nos campos, mas atrás das lendas, outro Rio Grande aparece...

## **Bibliografia**

- ALTAMIRANO, Carlos. *Para un Programa de Historia Intelectual y Otros Ensayos*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2005.
- ASCASUBI, Hilario. *Santos Vega*. Buenos Aires: Losada, 1998.
- CHARTIER, Roger. *À Beira da Falésia: A história entre incertezas e inquietudes*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2002.
- CHAVES, Flávio Loureiro. *Simões Lopes Neto: Regionalismo & Literatura*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.
- DUMAS, Alexandre. *Os três mosqueteiros*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: uma Introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- GOMES, Carla Renata A. de S. *De Rio-Grandense a Gaúcho: o Triunfo do Averso. Um processo de representação regional na literatura do século XIX (1847-1877)*. Porto Alegre: Editoras Associadas, 2009.

GUAZZELLI, Cesar A. B. *Matrero*, guerreiro, peão campeiro: aspectos da construção literária do gaúcho. In: MARTINS, Maria Helena (Org.). *Fronteiras Culturais (Brasil, Uruguai, Argentina)*. São Paulo: Ateliê, 2002, p. 108-136.

\_\_\_\_\_. Fatos que Realmente Aconteceram? Considerações sobre História e Literatura. In: SILVEIRA, Helder G.; ABREU, Luciano A. & MANSAN, Jaime V. (Org.). *História e ideologia: perspectivas e debates*. Passo Fundo: UPF Editora, 2009, v. 1, p. 369-384.

\_\_\_\_\_. Servindo a Pátria: Blau, o guasca, da Cisplatina à Guerra do Paraguai. A Literatura e a invenção do gaúcho fronteiriço. In: XI Encontro Estadual de História - História, Memória e Patrimônio - ANPUH / RS, 2012, Rio Grande - RS. *Anais Eletrônicos do XI Encontro Estadual de História - História, Memória e Patrimônio*. Porto Alegre - RS: ANPUH / RS, 2012. v. 1. p. 160-167.

HERCULANO, Alexandre. *Lendas e Barrativas*. Rio de Janeiro: Clássicos Jackson, 1952.

HERNÁNDEZ, José. *Martín Fierro*. Buenos Aires: Gador, 2009.

HIDALGO, Bartolomé. *Cielitos y Diálogos Patrioticvos*. Montevideo: Signo, 1967.

LEITE, Ligia Chiappini M. *No entretanto dos tempos: literatura e história em João Simões Lopes Neto*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LOPES NETO, João Simões. *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*. Edição Crítica de Aldyr Garcia Schlee. Porto Alegre: IEL/UNISINOS, 2006.

LUSICH, Antonio. *Los Tres Gauchos Orientales y otras poesías*. Montevideo: Claudio García, 1937.

MARTINS, Maria Helena (org.). *Fronteiras Culturais (Brasil - Uruguai - Argentina)*. São Paulo: Ateliê, 2002.

MASINA, Léa. A Gauchesca Brasileira: Revisão Crítica do Regionalismo. In: MARTINS, op. cit. p. 93-105.

- ROCCA, Pablo. Encruzilhadas e Fronteiras da Gauchesca (do Rio da Prata ao Rio Grande do Sul). In: MARTINS, op. cit. p. 73-92.
- SARMIENTO, Domingo Faustino. *Facundo*. Civilização e barbárie no pampa argentino. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1996.
- SCOTT, Walter. *Ivanhoe*. Rio de Janeiro: Jackson, 1947.
- SERRA PADROS, Enrique. Fronteiras e Integração Fronteiriça: Elementos para uma Abordagem Conceitual. In: *Humanas* v.17, n.1/2, Porto Alegre, julho/dezembro 1994.
- THOMPSON FLORES, Mariana F. da C., *Crimes de Fronteira: a criminalidade na fronteira meridional do Brasil*, Porto Alegre, PUCRS (Tese), 2012.
- TURNER, Frederick J. *The Frontier in the American History*. New York: Dover, 1996.
- VARGAS LLOSA, Mário. *La Verdad de las Mentiras*. Madrid: Alfaguara, 2002.
- VIANA, Javier de. *Selección de cuentos*. Montevideo: Cruz del Sur, 2006.